

RIO DE SETEMBRO: UMA CIDADE VERTICAL, ACUMULADA E CINZENTA

Édina Regina Baumer
edinabaumer@gmail.com¹

Chegando ao nosso destino, as placas indicavam Nova Iguaçu....Belford Roxo... e as cenas vistas pela janela do ônibus indicavam tristeza...Num primeiro momento o que se pensou foi: ah...ainda não é o Rio de Janeiro, aquele que ‘continua lindo’. É a periferia.

O retrato era comum à paisagem já vista ao adentrar São Paulo e na grande Porto Alegre, logo o estranhamento não passava de uma confirmação: muito lixo, muitas moradias alternativas e precárias, rio poluído, estrada suja: a cidade grande não se sustenta – o que há de melhor é para alguns e nem de longe chega perto de ser para todos.

Mas a pior sensação (essa inédita) ainda estava por vir quando se percebeu que a via por onde andava o ônibus estava sobre uma ou duas outras vias, no alto, em cima de casas, ruas, carros e pessoas. Ao olhar pela janela o perigo iminente tomava conta dos olhares mais atentos: parecia que a menos de um metro de distância as rodas do ônibus poderiam perder a direção e fazer todos caírem sobre outros todos lá embaixo.

Essa sensação foi forte mas não passava de uma ficção. A realidade, percebida ao mesmo tempo e por muito mais tempo, doeria mais. De cima para baixo foi possível ver um acúmulo de casas pequenas, apertadas, pobres com seus moradores prosseguindo na vida cotidiana de uma final de semana que se constituía a partir do anoitecer de sexta-feira. De cima para baixo possível ver cozinhas, salas de TV, varais, vassouras, muros e paredes pichadas, lojas igualmente apertadas fechando o expediente, passos, carros e ônibus apressados para lá e para cá...

Essa sensação somada ao longo período de permanência dos viajantes catarinenses no ônibus era coroada pela passagem por baixo de algumas daquelas vias ou viadutos e observar a verdade do que para nós não passa de um ditado popular: ‘vai dormir embaixo da ponte’... sim, no Rio de Janeiro – aquele que ‘continua lindo’ – se dorme embaixo da ponte.

Não sei se essas sensações nos tiraram da realidade do tempo mas o fato é que logo estávamos descendo no hotel, bairro de Copacabana, para iniciar nossa visita de estudos

¹ Pedagoga – Mestre em Educação. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

no Rio de Janeiro. O objetivo do grupo de trinta pessoas era visitar a XVII Bienal Internacional do Livro e o objetivo foi alcançado.

Tanto o evento quanto os outros pontos visitados – a praia em si, o passeio no Pão de açúcar, no Corcovado e a feira ao lado do hotel no domingo de manhã – trouxeram uma nuvem branca e enorme que cobriu toda aquela sensação da chegada na cidade. No entanto, mesmo com essa enorme nuvem branca, o Rio de Setembro estava cinzento e frio - o que nos permitiu brincar com os trechos de música dizendo que “O rio de Janeiro não continua lindo e não é o Rio 40 graus”...

Ao preparar o embarque para a volta para casa um temor tentou instalar-se: eu não queria ver na saída, novamente, a cidade vertical, acumulada e cinzenta; eu queria ficar com a nuvem branca do restante da visita. Alarme falso: dormi ao sentar na poltrona do ônibus e acordei em alguma rodovia do estado de São Paulo. Melhor assim! Voltarei ao Rio de Janeiro ou de setembro, outubro, abril, março, julho....